

Marcando uma atitude

Não obstante o virmos, dia a dia, marcando uma atitude de franca rebeldia contra o estado social que nos cerca, a pesar de todas as afirmações de princípios que, quer por palavras, quer por actos temos produzido, há quem persista, consciente ou inconscientemente, em nos confundir, deturpando por vezes as nossas intenções.

E quando—o que é natural—as nossas atenções recaem de preferência sobre este ou aquele agrupamento político, que pela sua acção se coloca sob o nosso escálpelo, sucede o daren-nos injustamente como, senão mancomunados, pelo menos benevolentes para com outras facções políticas. Se os nossos ataques visam os conservadores, urde-se por estes, logo, uma ligação nossa com os radicais; se, pelo contrário, visamos os radicais, estes vislumbrem logo que fazemos o jogo dos conservadores.

Sucedem às vezes a coincidência de uma particularidade da nossa acção visar a um fim comum aos nossos adversários, muito embora o sentimento que nos anima seja diferente. Mas é apenas a coincidência, o que não quer dizer entendimento. Talvez por este motivo, surge a espasmo a visão ilusória, de alguns políticos da chamada esquerda, de que entre nós e eles podem existir afinidades. Chegam até a produzir-se manifestações de simpatia por nós, que, podendo ser um fruto de boas intenções, não deixam, todavia, de ser comprometedoras para ambas as partes; manifestações que, pelo menos, constantemente deslocam os seus autores.

Não vai longe o tempo em que uma estrêla que ainda radia na política portuguesa, malabarmente lançava ao vento, dirigida aos senhores, esta frase de efeito: «A propriedade não vos pertence senão transitivamente». Houve quem julgasse ver uma encarnação de Proudhon, muito embora o ardiloso político tivesse o cuidado de não adiantar que «a propriedade é um roubo». Mas, os senhores não estarreceram; as suas garras aduncas enteraram-se mais nos corpos dos inquilinos, sequiosos de sorverem muito, cada vez mais, aquilo que apenas era sua «propriedade transitória». A frase evoluiu-se e a realidade foi o perdurar da exploração, orientada e legislada por uns e outros políticos.

Mais recentemente, outro chefe político num momento de entusiasmo, ante uma multidão candente, lança estólicas frases ócas, vãs de sentido, que originaram, quasi, uma revolução: «a guarda republicana não deve servir para fusilar o povo» e «eu sou pelos explorados contra os exploradores». A ceceia levantada pelos políticos conservadores e o acolhimento e a crença que se manifestaram da parte mais ingenua do povo explorado foram injustas. Frases de efeito, só, enada mais! Palavras que não alteram a face às coisas, afirmações que, afinal, não traduzem uma realidade.

Para que se adaptou à república esse corpo de elite que no tempo da monarquia se chamou guarda municipal? Para defesa de quem ou de quem? A guarda republicana é como aquela um corpo de exército que o povo mantém para garantia da propriedade privada. Ela jamais foi vista a defender as regalias populares; o seu papel tem-se evidenciado nas violências contra os inquilinos, e, muito embora, num arranço de oratória, um deputado conservador afirmasse que ela serviria para «forçar os cofres dos Bancos», nós continuamos a vê-la guardando os para que, mais fácil e impunemente, o povo se deixe dissecar pela ganância.

E' um corpo de «ordem»; e a ordem burguesa, nós sabemos-lo, mantém-se acutilando e espargindo contra aqueles que se insurgem contra o roubo e o assassinio que a lei protege. Portanto, a pesar de tudo, a guarda republicana tem servido, serve e servirá para fusilar o povo. Só o deixará de ser quando o povo se dispor a negar seus filhos para os corpos de defesa dos seus exploradores.

A outra frase sibilaria: «Podem por ventura um defensor do Estado, seja qual for deste a característica, inclinar-se para o lado dos exploradores?» Os trabalhadores triturados pela engrenagem capitalista, não podem confiar nas palavras de carinho produzidas por alguém que tenha si-

tução marcante na defesa do capitalismo. Quando sentidamente um homem se afirma pelos explorados contra os exploradores o seu lugar é ao lado dos que sofrem, a sua acção deixa de exercer-se no campo político partidário, por mais radical que esse campo se afirme, passando para junto daqueles que encarnam, de facto, ideais de emancipação, e por eles dão tudo: energia, liberdade e a vida.

Estas nossas palavras que não são de captação a políticos, servem apenas para definir situações e dissipar ilusões que porventura existam.

Para nós virão os que quiserem e puderem vir, desde que se dispam dos hábitos que os bem colocam na barricada em que hoje debutam.

«Pelos explorados, contra os exploradores», não como políticos mas como homens úteis, livremente associados por classes e predispostos a dar combate a todos os privilégios de castas. Assim o têm feito algumas das mais prestigiosas figuras do movimento libertário. A ferramenta calejante irmanar-se melhor com o espírito do intelectual revolucionário de verdade do que os pergaminhos de casta.

Deixemos, pois, as frases de efeito. O vento leva-as e, quando muito, um ténue sussurro fica, e esse, constantemente desmentido pela realidade das situações. O silêncio benévolo a que nos temos recolhido ante a confessa simpatia dalguns nossos adversários tem servido a más interpretações. Para que conste mais uma vez, pois, afirmamos: Socialistas revolucionários, nós somos contra todo o sistema de opressão, contra todos os Estados e contra todos os partidos políticos. Vamos em demanda dum era de felicidade comum, onde os trapaceiros e os vendilhões não tenham lugar. E como a Humanidade não conseguirá dum salto a sua emancipação, vamos-nos organizando e adestrando para um período de transição revolucionária em que nenhum partido político, por mais vermelho que se pinte, tenha o sacrifício de estabelecer o seu governo, de ordenar a gestão das coisas. Nós, e só nós, as classes organizadas em sindicatos, federações, uniões, confederações e, por fim, na Internacional, temos o direito de regular a produção, de dispor dela para o consumo; e, no modus faciendi dessas gestões, consubstanciamos a nossa política.

Para este fim, e ao nosso lado, têm lugar marcado todos os bem intencionados.

Notas & Comentários

A guerra de Marrocos

É preciso que os nossos leitores se acautelem com as notícias de proveniência francesa acerca da guerra de Marrocos. São sempre optimistas para os franceses. As mais imparciais provêm quasi sempre de Tanger e mesmo essas trazem, por vezes, a dedada do optimismo francês. As últimas notícias de Tanger garantem que as tropas gaulesas se encontram numa situação critica. Os mouros, inteligentes, manejaos por Abd-el-Krim, culto e valente, tem sabido defender-se do jugo da Europa capitalista com assombrosa energia. A razão está do seu lado e contra a razão as armas mais poderosas hesitam em levantar-se. Partidários da máxima liberdade dos indivíduos e, portanto, dos povos, fazemos votos porque os rifenhos conquistem, como merecem, a sua completa liberdade.

Os soldados franceses marcham de má vontade, porque sabem que cometem um crime combatendo os marroquinos que têm todo o direito a viver independentes. O governo francês que não há muitos anos dizia ser partidário da independência dos povos acaba de mandar prender alguns comunistas que usaram agora, perante o conflito de Marrocos, defender a mesma teoria.

A pesar de tudo estamos convencidos de que a boa razão triunfará.

A crise ministerial

A' hora em que traçamos estas linhas ainda não se encontra resolvida a crise política. O dr. Domingos Pereira que acceitou o encargo de formar ministério ainda a cáta dos ministros. Não sabemos se conseguirá encontrá-los. E se os encontrar não sabemos ainda se os partidos permitirão que o seu ministério viva. Temos a impressão de que, no caso do dr. Domingos Pereira não poder organizar gabinete, o chefe do Estado, perante o gachis, renunciará.

O dr. Bernardino Machado, esfregando as mãos de contentamento, deve aguardar ansioso a hora da reparação...

A questão das carnes

Alguns jornais de Lisboa levantaram uma campanha interessante e útil acerca do péssimo estado sanitário em que muitas vezes se encontram as rezas abatidas no matadouro municipal. Várias vezes a Batalha tem chamado para este assunto a

UM ESCANDALO INTERNACIONAL

Como Horthy, ditador da Hungria, mandou assassinar dois jornalistas—Um ex-ministro que acusa e um assassino que confessa

Quando o ano de 1919 estava prestes a findar, naqueles tempos em que o terror branco sufocava a Hungria, dois redactores do jornal socialista húngaro *Nepozava*, Bela Somogyi e Bela Bacsó, foram cruelmente assassinados e os seus cadáveres depois de terem sido mutilados horrivelmente apareceram boiando no Danúbio.

Benitsky, que era ministro do Interior nesse tempo, mandou fazer um inquérito que não obteve nenhuns resultados. No entanto foram presos por suspeita, dois indivíduos, que pouco depois foram postos em liberdade, a pesar dos protestos de Benitsky.

Possam: quasi seis anos. O ex-ministro do Interior do gabinete Horthy começou a publicar no jornal húngaro *Az Ujsag* sensacionais revelações.

Estas revelações são acolhidas, naturalmente, com fúria e hostilidade pela imprensa do governo, que por outro lado contesta as afirmações feitas.

Ora, segundo o jornal húngaro, foi o próprio almirante Horthy que ordenou o assassinato de Somogyi e de Bacsó em Setembro de 1919. Benitsky afirma também que foi nessa época que Horthy deu ordem para se desembarcarem «dos redactores da imprensa da oposição...» Em Novembro os dois jornalistas socialistas eram assassinados.

«A causa disso», afirma o ex-ministro com desassombro, foi Somogyi ter publicado um artigo, que não fora visto pela censura e que desagradou às autoridades militares».

As revelações de Benitsky ficam por aqui. Mas era necessário provas e o partido socialista húngaro está procurando obtê-las.

Os dois oficiais de Horthy que cometeram este crime encontram-se actualmente em Constantinopla.

Um é o tenente Zoltan Pal, ex-ajudante do coronel Osztenbourg, e o outro o primeiro tenente Ferenczy que mandou ocupar pelas suas patrulhas a rua onde se encontra a redacção do jornal socialista *Nepozava* de maneira que a vitima não pudesse fugir aos seus assassinos.

Há quem diga que este oficial recebeu nestes últimos tempos, uma soma de 2.500 libras turcas da embaixada húngara em Constantinopla.

Quando ao tenente Paulo foi ele próprio que fez aos socialistas húngaros, enviados a Constantinopla o relato completo do crime. Assinou mesmo um documento acusando formalmente o almirante Horthy de ter ordenado o assassinio de Somogyi.

Eis alguns períodos desse documento: «O primeiro tenente Zoltan Pal declara que estava presente, quando o regente Horthy, nesse tempo comandante do exército nacional húngaro, deu ordem ao coronel Osztenbourg para que Somogyi fosse assassinado».

Fui eu, primeiro tenente Zoltan Pal, quem, em cumprimento dessa ordem, dei ordem para preparar o automóvel que depois seguiu para perpetrar o crime.

«Em seguida a uma conferência com Horthy, o coronel Osztenbourg assinou essa ordem. Eu, primeiro tenente Zoltan Pal, assinei, então, as folhas de serviço dos oficiais Kowarz, Soltesz, Megay, Lefek e Ferenczy que foram os ocupantes do automóvel».

Horthy e o governo húngaro fizeram várias «démarches» em Constantinopla, por intermédio dos seus representantes diplomáticos para que esse documento fosse comprado, mas parece que este foi entregue, estes últimos dias, ao comité central do partido socialista húngaro.

Os mineiros ingleses

Piorou a situação—Uma reunião importante

LONDRES, 26.—Todos os dirigentes principais da União nacional dos Ferroviários, da Federação dos chauffeurs e mecânicos de locomotivas, da União dos Transportes e corporações diversas, bem como da comissão dos empregados administrativos dos caminhos de ferro, reuniram-se para decidir qual a atitude a tomar em caso de greve dos mineiros.

Depois de se sefize a paralização do trabalho, todos os membros das organizações presentes se recusariam categoricamente a participar no transporte ou descarga do carvão que fosse encomendado no estrangeiro. Também ficou determinado que se recusariam a fazer o transporte de combustíveis dum ponto para outro da Grã-Bretanha.

Cook, secretário da Federação dos Mineiros, declarou que era verdade que os delegados patronais e os operários tornariam a encontrar-se na próxima quarta-feira, mas que por outro lado não tinha esperança nenhuma de que a greve fosse evitada, se o governo não se decidisse a insistir com os patrões para que estes actualizassem os salários dos mineiros.

A Federação dos operários da construção acaba de aprovar uma moção em que se resolve ajudar financeiramente os mineiros

atenção das entidades competentes sem que o menor passo se desse no sentido de impedir tais ocorrências lamentáveis. Oxalá os jornais agora empenhados na moralização da campanha consigam o que nós não conseguimos. talvez por sermos bolsevistas...

A burla dos contratos

A vida dos contratados em Africa—Promessas tentadoras que se traduzem em doença, miséria e abandono

Africa é um recurso, muitas vezes o derradeiro recurso para os operários que na terra em que nasceram só têm conhecido, em troca dum esforço diário e poético, misérias sem nome, perseguições odientas e aviltantes humilhações.

Africa vista de Lisboa chega a ser um paraíso. E corresponderá à sedutora ideia que dela fazem muitos operários? Todas as notícias que de lá temos recebido dizem que não. Algumas vezes, nestas colunas, prestámos esclarecimentos que demonstram que Africa não é de nenhum modo —o paraíso.

O nosso camarada Adelino Augusto Ferreira, tesoureiro do S. U. Metalúrgico, conhece Africa, pois viveu ou, melhor dizendo, trabalhou lá alguns anos e ainda devido ao cargo que desempenha conhece bem a situação económica que naquele continente se oferece aos operários que vão da metrópole.

Foi com ele que fizemos esta entrevista e foram estas as suas primeiras declarações:

—Os contratos são quasi sempre feitos por dois ou três anos. Os salários que nelles são estipulados mediam entre 27 a 34 escudos, o que, admitindo que o custo de vida em Africa fosse idêntico ao da metrópole, estava longe de ser uma perspectiva económica brilhante.

—O custo de vida em Africa?

—Basta que lhe diga que um quilo de bacalhau custa 25 escudos, 8 e 10 escudos um quilo de batatas, e a banha não custa menos de 25 escudos.

«Uma bilha de azeite em Africa torna-se tão ou mais preciosa que um anel de brilhantes».

«Daí o furor com que inspecionam as malas de viagem, no intuito de averiguar se elas levam géneros».

«Quando ao vestuário nem é bom falar: um par de botas deve custar mais de 200 escudos».

«É fácil concluir do que lhe disse que o salário de 27 ou de 34 escudos é a fome, a miséria dolorosa e negra».

—Em caso de doença o operário recebe o seu salário?

—Começam a fazer-lhe descontos nos salários que vão gradualmente subindo 50 a 75 por cento —até que o remetem para a metrópole para que ele venha curar-se à sua custa».

—E a habitação?

—A crise de habitação em Africa é cem vezes pior do que a da metrópole. Essa crise resume-se nesta frase: não há casas. E se, porventura, alguma apparece, dado o trespassse elevadíssimo que é exigido, ela torna-se inacessível.

«O Estado, fingindo-se cego, simulando não ver esta abominável realidade, concede de irrisório, o zombeteiro subsidio de 1 escudo por dia».

—Então onde habitam os operários?

—Em Louanda habitam um casarão cedido pelo Estado, que em troca desta sua generosidade lhes aranca o famoso e citado subsidio de 1 escudo. Esse casarão está dividido em compartimentos por meio de um fôco tabique cuja altura não excede um metro. É fácil de prever que a vida íntima dum casal está exposta aos olhares indiscretos de toda a gente.

«Na cidade alta existem umas casas em cimento armado que não são para operários, mas sim para magnates, para funcionários dum certa colação».

«Como vê o operário em Africa arrasta a existência dum escravo, dum escravo condenado».

—A maneira como o operariado é tratado?

—O operário especializado é sujeito a um rigoroso concurso não vá ele defraudar o Estado... Depois disso em vez de lhe darem passagem em 2.ª classe como noutro tempo se fazia, fazem-no ir em 3.ª, o que não tem razão de ser.

«Quando ele desembarca em Africa quasi sempre sem dinheiro, vê-se tratado como um mendigo, como um cão, pelos funcionários e só ao fim de grandes dificuldades é que consegue ser atendido e obtém o tal famoso alojamento que lhe descrevi».

—O Banco Ultramarino?

—É aquilo que a *Batalha* tem descrito e combatido. Não faz transferências, de maneira que da Africa não se pode enviar um centavo às famílias.

A terminar, o nosso entrevistado declarou-nos:

—Oxalá que esta entrevista tenha o mérito de convencer muitos operários para que se não deixem ludibriar. Está-se abusando descaradamente da boa fé e da ignorância dos trabalhadores.

Ainda um último esclarecimento:

—Uma pensão em Africa não custa menos dum conto. Como a pode pagar um operário que não chega a ganhar isso por mês, pois ele nem sequer recebe diário, pois lhe descontam os dias em que não trabalha e só vence os chamados dias úteis. É fácil de presumir que os ordenados que auferem significam a fome, com um cortejo sinistro de privações e sofrimentos. E ainda outro dia vinha um patriota apontando num jornal burguês os perigos da infiltração alemã. Calcule que na construção do caminho de ferro de Malange estavam na disposição de mandar vir operários da Alemanha pagando-lhes salários bastante elevados e que recusavam aos trabalhadores portugueses. Isto por estes se recusarem a renovar os contratos de trabalho que só lhes asseguravam a miséria...

O JULGAMENTO DE CANHA

Mais uma vez, vai hoje, a julgamento, no tribunal da Boa-Hora, o processo de António Nunes Canha.

Oxalá que este nosso camarada, vítima da pressão económica que oprime a falange trabalhadora, consiga ver resolvida uma situação torturante, cujo arastamento tem vindo influenciando por poderes ocultos. Pedimos-lhe para fazermos sentir as suas testemunhas a necessidade de não faltarem, afim de não servirem de pretexto para mais um prejudicial adiamento

CRÓNICA DE VIAGEM

OS DEPORTADOS EM ÁFRICA

Registam-se as primeiras impressões jornalísticas vindas directamente de Cabo Verde—A situação moral e material dos presos—Os que ficaram na Praia e os que seguiram para a Guiné

(Do nosso enviado especial)

As minhas impressões de viagem, os primeiros momentos de perturbação entre a saúde pelos que ficam e a curiosidade pelo que de novo vou ver, todas essas notas da vida a bordo a que a fantasia sempre empresta relevo e cor, tudo isso eu relego para outras crónicas possivelmente mais literárias, para rapidamente poder entrar em assunto que mais directamente possa interessar aos leitores de *A Batalha*.

Só por isso omito, nesta altura, as notas de cor, de belo impressionismo, que marquei à vista da Madeira, que quando ela nos surge, ao longe ainda, pequena ilha de bruma à flor do Atlântico, que quando se patenteia ridente e garrida, suavíssima na tinta mimosa dos seus frutos e flores, em toda a imponência da baía azul.

Ficará isso para depois, assim como as impressões sobre o grandioso cenário, dum trágica beleza, feito das escarpas desoladoras, rochas negras, terra africana ressequida e ardente, que eu distingi aos primeiros alvares da madrugada, em frente de Cabo Verde, e vamos ao que importa.

O dr. Júlio de Abreu, governador de Cabo Verde, um homem recto e liberal que, talvez pela sua educação de magistrado, forma excepção à maioria dos políticos, só depois da Madeira, e pela T. S. F., teve conhecimento de que na Praia, a capital do arquipélago, haviam desembarcado, com ordem do governo da metrópole, alguns dos presos deportados sob a acusação de vários delitos sociais.

O governador teve a amabilidade de me dar essa notícia, de modo que assim que desembarquei na cidade da Praia, um dos meus primeiros cuidados foi pedir autorização para visitar esses homens, no quartel onde se encontram instalados.

Fiz essa visita—o meu dever de homem e jornalista—com íntima comoção. Era um punhado de portugueses que ali estavam presos, longe da família, longe do seu país, naufragos aturidos na resaca das cascas e tremendas lutas sociais. De mais, se acaso alguns deles podem ser culpados, a grande maioria encontrá-á, eu, a clamar alto, corajosamente, a sua inocência; e a verdade é que contra eles ainda se não pronunciou, formalmente, a justiça regular.

Dirigi-me, aqui, à porta do quartel, e depois da sentinela me deixar passar, acompanhado por um soldado negro, entrei na caserna onde estavam todos os presos. Tinham acabado de almoçar.

Todos, ao mesmo tempo, logo quiseram saber notícias de Portugal, acabrunhados uns, outros revoltados contra a injustiça —aquele falando na família, este lembrando um nome amigo, outro protestando contra a redacção da nota dos cadastros publicos dos alguns jornais, e ainda outros no mais concentrado silêncio, às vezes a mais expressiva linguagem.

Depois veio uma chuva de perguntas:

—Que tem dito a *Batalha*? Foi suspensa, está apreendida?...?

—Que resultado deu a greve geral?!

—Têm sido feitas mais prisões?!

—Que destino nos quer o governo dar?!

—Quando somos julgados?!

A todas estas perguntas respondi o que pôde e como sabia, dando-lhes notícias, aconselhando-lhes serenidade, lembrando-lhes que o tempo, às vezes, modificava,

favoravelmente, as mais tristes coisas da vida.

Informei-os de que os seus camaradas de Lisboa e do resto do país—camaradas do trabalho ou de ideias—se nada tinham ou podiam ter, em matéria de solidariedade, com criminosos de delito comum, também não podiam esquecer os perseguidos por delitos sociais, e muito mais quando inocentes.

Ouviram-me, serenamente, e a alguns, esculpi palavras cheias de firmeza, prometendo provar a sua inocência.

Deste encontro recolhi notas impressionantes.

Lembro-me que um rapaz, muito novo, quasi ingénuo, menos de vinte anos, creio que metalúrgico, me afirmou, com a maior sinceridade, que nem sabia porque estava preso. Os próprios companheiros garantiram que ele nem sequer era vagamente conhecido no movimento operário.

Um outro, parecia-me que serralleiro, mostrava-se muito apressivo e melancólico, porque deixara a mulher grávida, não sabendo se já era pai.

Outro, Julião de Almeida, aqui com um porte irrepreensível, muito idealista, operário de mobiliário, mostrou-se sinceramente surpreso, ignorando, também o motivo da sua prisão.

Bernardino dos Santos, o que eu melhor conhecia, a pesar de envelhecido e adocetado tem serenas palavras de protesto e aguarda a todo o momento que o restituam à liberdade e que lhe reparem a injustiça. Considera um monstro equívoco, a sua prisão.

Enfim, naturalmente todos se queixam e sofrem, como todos os deportados. Mas a maior parte, os que têm obtido trabalho, trabalham, e mostram alento e coragem.

A população caboverdeana, sem alarmes, encarou os presos com benevolência, com humanidade—tem sabido cumprir o seu dever.

Para interesse das respectivas famílias, aí vai esta nota dos homens que ficaram em Cabo Verde, na cidade da Praia, e que são os seguintes: José Lopes, Arsénio Filipe, Daniel Severino, Duarte Pedroso, Luís Ferreira da Silva, Alexandre dos Santos, Eugénio Augusto Ribeiro, todos estes da construção civil; José Soares e Manuel Francisco, fabricantes de calçado; Mário Fontinhas, José de Almeida Figueiredo, Domingos Paiva, António Augusto dos Santos, Amadeu Carlos das Neves, estes metalúrgicos; Bernardino dos Santos, funcionário público; João Ferreira, estofador; Alberto Abrantes Castanheira e Manuel Joaquim Cardoso, manipuladores de pão.

Os outros nomes que aqui faltam são dos deportados que seguiram para a Guiné.

Todos os que ficaram em Cabo Verde, excepto dois ou três que ainda não conseguiram trabalho, estão trabalhando nas obras públicas e particulares, fazendo uso da sua profissão, embora comendo e dormindo no quartel.

Resta-me dizer que gosam saúde, e não estão desanimados. Só a um deles eu vi chorar, ao falar-me da mãe, pedindo-me que não revelasse o seu nome.

Aqui fica, pois, a saúde deste filho ausente que bem pode ser repartida por todas as mães que tenham filhos deportados.

Cabo Verde (Praia), 25 de Junho de 1925.

JULIANO QUINTINHA.

A guerra de Marrocos

Os rifenhos preparam uma nova ofensiva perigosa para os franceses

TANGER, 28.—Os fortes núcleos de rifenhos que cercavam Taoumact e Babtaze retiraram para o norte, indo engrossar as tropas de Abd-el-Krim, empenhadas na ofensiva que se avizinha.

O governo francês atrapalhado com a propagação anti-militarista

PARIS, 28.—Reúniu-se hoje no palácio de Rambouillet, onde o presidente da República se encontra veraneando, o conselho de ministros.

O sr. Briand informou os seus colegas de que não havia recebido qualquer proposta de Abd-el-Krim para negociações que conduzam à paz.

O conselho, ouvidas largas exposições dos ministros da guerra e do interior, deliberou fazer chamar aos tribunais todos aqueles que pretendam lançar a confusão no exército a propósito da guerra de Marrocos e bem assim aplicar severas sanções a quem aconselhar a desobediência aos soldados e marinheiros.

Comunistas condenados por prégarem a paz

PARIS, 28.—Foram condenados em seis meses de prisão e mil francos de multa os deputados comunistas Cachin, Vaillant, e Souturier, que eram acusados de incitar o exército à desordem.

Um relatório sobre a situação

PARIS, 28.—O general Georges, chefe do estado maior do marechal Pétain entregou hoje ao sr. Painlevé um extenso relatório sobre a situação das tropas francesas em Marrocos.

Abd-el-Krim prepara terreno

TANGER, 28.—Abd-el-Krim tem tido nestes últimos dias largas conferências com diversos Caids, presidindo também a importantes reuniões de altas personalidades rifenhas.

Rivera e Pétain conferenciam

MADRID, 28.—O marechal Pétain chegou hoje a Ceuta, onde conferenciou com Primo de Rivera oitendo em seguida para Tetuão

A MORAL RELIGIOSA...

Um padre que manda lançar uma religiosa pelas escadas da sua residência!

As *Novidades* têm uma mania fixa: escreverem em dízia e meia de monótonas e jeremiadas frases que sem a educação religiosa não há nem na vida individual nem na colectiva... nenhuma espécie de moral e de dignidade. Aquele jornal, com um jesuítico sentido das oportunidades só se atreve a atirar com a tese para o público quando supõe que nenhum padre praticou ostensivamente uma acção vil que destrua a falsidade da enfadonha doutrina.

Não nos escapou terem as *Novidades* perpetrado há dias a decantada tese. Mas não lhe respondemos de pronto convencidos de que um padre não tardaria muitos dias a vir com qualquer gesto execrável demonstrar a falsidade da tese, comprovando que a educação religiosa assente numa burla, numa mentira e numa nocividade flagrantes e negáveis.

Um caso ultimamente sucedido na freguesia de Catelejo, do concelho do Fundão, permite-nos dar nova e contundente réplica, não com palavras, mas com factos—o que é mais profícuo.

Vejamos como um padre comprova a falsidade da educação religiosa.

O sr. João Barreiros, de 62 anos, casado, ao retirar-se para Lisboa, cedeu ao padre Joaquim Mesquita dos Santos parte do seu prédio e respectiva mobília até que o seu proprietário voltasse a carecer dele.

Sucedeu que a filha do proprietário a professora Maria de Ascensão Barreiros, encontrando-se num precário estado de saúde, teve, por conselho médico, retirar para Catelejo, a arca.

O padre, mal teve conhecimento da chegada da doente que ia acompanhada de sua mãe, não lhes consentiu que entrassem na casa, obrigando-as a pernoitar numa loja térrea, a qual além de ser uma espécie de armazém de carvão e de petróleo, servia

O CONGRESSO DOS RURAIS

Promete ser interessante sob muitos aspectos o congresso nacional dos trabalhadores rurais. Como não se trata dum congresso de proprietários das terras, as teses a discutir não terão a amesquinha do estreito critério capitalista.

Efectivamente, quando nós encaramos o problema da produção temos um critério muito mais amplo e científico do que o que pode ter quaisquer elementos burgueses agarrados ao preconceito de propriedade, de autoridade, de hierarquia. Assim para um burguês a intensificação da produção só se pode obter aumentando as horas de trabalho. Para nós a produção aumentará no dia em que se fizer a socialização de toda a terra e se aplicarem os processos científicos da cultura, se fizer o aproveitamento das máquinas.

A depressão da produção agrícola que se deu na Rússia não pode servir de argumento. Na Rússia não se fez a socialização das terras, o que se tentou foi a sua estatização. Mercê do atraso industrial da Rússia, e sobretudo da divisão das terras por famílias em vez da sua utilização por sindicatos operários realizando a industrialização agrícola, a produção decresceu. Decresceu ainda por causa das requisições militares, transformadas mais tarde num imposto em géneros.

Mas na mesma Rússia na região da Ucrânia, em que os camponeses durante alguns meses estiveram entregues a si mesmos e organizaram comunas livres a produção foi sempre suficiente para as suas necessidades e ainda para abastecer o exército insurreccional que bateu o Denikine e impediu que a Rússia fosse invadida pelos inimigos da Revolução.

No dia em que desaparecer o explorador e tiverem que entender-se produtores e consumidores o problema dos abastecimentos será inteiramente resolvido. Se predominasse o critério estreito e burguês da apropriação individual, como se tem tentado pregar nos meios rurais, com a ideia de que o camponês trabalha mais em terreno seu do que em terreno da comunidade, não se iria senão isolar os esforços de cada produtor, impedindo o próprio progresso agrícola. Para a própria evolução técnica da agricultura é a propriedade colectiva o melhor elemento, o maior impulso. Só ela satisfaz aos preceitos da moderna ciência agrícola que exige a laboração intensiva e extensiva de grandes tratos de terreno, laboração incompatível com a propriedade pulverizada.

Se a dúvida que os camponeses não deixarão de encerrar este problema como ele pode ser visto à luz dum critério operário. Não é na divisão das terras, no seu usufruto por cada família que está a solução do problema, mas precisamente na cooperação, na solidariedade dos trabalhadores, inspirados pela ciência e aceitando os preceitos científicos dum maior aproveitamento do solo.

Os dois garotos.

Recapitule no palco do Nacional amanhã o popular melodrama OS DOIS GAROTOS, onde o público tem a oportunidade de admirar a complicadíssima ponte de Austerlitz, de difícil montagem, e os belos cenários de Campos e Oliveira.

ESPERANTO

Nova Voz. — Sociedade Esperantista Operária. — Realiza-se hoje, o curso prático, às 21 horas.

de cocheira a um cavalo. Como a doença de Maria Ascensão se agravava devido à noite horrível que passou, sua mãe suplicou ao padre Mesquita que tivesse dó da filha e as deixasse entrar em casa. Como o padre se tivesse obstinadamente recusado a atendê-la, pediu-lhe então que lhe consentisse a entrada em casa para ir lá buscar um colchão a fim de que sua filha não voltasse a ficar em terreno húmido. O padre, apesar de conhecer o estado gravíssimo em que D. Maria de Ascensão se encontrava replicou com uma recusa seca, rude, laconica e desapaixonada. Mais tarde a doente, aproveitando a ausência do padre e com autorização da criada deste, introduziu-se em sua casa. O padre quando regressou e deu com ela em casa, enfureceu-se e aproveitando a ausência de sua mãe, mandou, pelas 22 horas, chamar três mulheres de baixos sentimentos — Maria Salvada, Maria Claudina e Maria Russa — as quais na sua presença e sob a sua ordem a arrastaram barbaramente pelo corredor e escadas e lançaram-na para uma valeta onde corria água.

E a doente lá permaneceu inanimada, durante meia hora até que sua mãe tendo conhecimento do acto de requintada ferocidade ordenado pelo padre a veio levantar. As mulheres que se prestaram a cumprir os desejos do padre puzeram-se em fuga, mostrando assim que tinham a consciência da miserável acção que praticaram. O padre, desse continuou tranquilamente passeando nas salas da casa sem manifestar o menor arrependimento pela acção que cometera contra uma criatura doente e, portanto, indefesa.

Segunda informações que recebemos da vida de D. Maria da Ascensão corre perigo em virtude dos maus tratos, recebidos que foram, como acima dissemos, ordenados pelo padre.

Ora aqui está, bem patente, em sua abjeção, em toda a sua hediondez, um fruto da educação religiosa. Um dos chamados mandamentos da lei de Deus obriga a amar o próximo como a nós mesmos. Até onde o padre Mesquita cumpre com o tal mandamento da chamada lei de Deus, até que ponto ele leva o seu amor pelo próximo estão bem patenteados no desumano e repugnante acto que praticou.

Padres como este há muitos. Padres pobres, com vezes piores do que estes têm existido por milhares e não faltam os que ainda estão vivos e que não há muito cometeram actos duma perversidade refinada. Além de que os tais famosos mandamentos da lei de Deus, não há padre que os cumpre.

As Novidades absteram-se cuidadosamente de revelar o detestável desumano procedimento do padre Mesquita. Encobriram-no, demonstrando assim que colocam a chamada «honra do convento» muito acima do «amor o próximo como a nós mesmos». São afinal as Novidades a demonstrar, pela sua própria conduta, a falsidade da tese que, chatissimamente, ao comprido, estende pelas suas colunas.

UM COMPASSO DE ESPERA...

Impõe-se o regresso dos deportados. Os que tiverem de ser julgados, deverão sê-lo na metrópole

Devido à mudança de figuras da scena política portuguesa, encontra-se a marcar um compasso de espera a opinião pública proletária e com ela, a justiça a fazer aos deportados, o sossêgo do seu lar e a paz do seu espírito; apenas, como o caminhar avassalante do descrédito do regime republicano, segue vertiginosamente o sofrimento, a dor e o martírio, desses mesmos deportados.

A campanha de ódios e vinganças levantadas em torno daquelas que, os pilares duma sociedade em decomposição, escolheram para saciar toda a sua sede de extermínio e fome de morticínio, além de ter produzido os seus resultados imediatos e seguros, parece condenada a eternizar-se; assim, e enquanto o leão proletário começa a deixar-se adormecer, a falange do ódio, da tirania, da vingança e do crime, vai ganhando terreno e tirando partido, já com os complicados enredos políticos, já com as medidas ambíguas pessoais.

Demasiado nos parece já o martírio a que se tem sujeito os homens que a justiça recta e imparcial, ainda não julgam e a quem por tanto se não pôde tratar como criminosos. Manter por mais tempo esses indivíduos sujeitos a um regime que serviu aos caudilhos da democracia para mais encarnizada e certa campanha de ataque à monarquia, é dar-nos a nós, e aqueles que a fomentaram, o direito de duvidar do regime que implantaram ou das intenções dos homens que a representam.

Porque haja um outro desmentido entre eles, não é admissível que a demencia e o crime de todos seja característico. Em todos os tempos e em todas as épocas de que a história nos fala nas lutas dum ideal ou de uma defesa dum princípio, encontramos entre os propagandistas sinceros e humanitários quem fanatizado pela educação ou desorientado pelo ideal, cometa os mais graves excessos ou criminosos actos, no entanto, com relativa facilidade encontramos também nas páginas da história, tempos depois a consagração desses excessos e a comemoração desses actos.

A violência, o crime e a revolta vêm de longa data e a todos pertencem, pois dela lançaram mão os religiosos na luta das cruzadas, os monárquicos nas questões constitucionais, e os republicanos para consolidação dos seus princípios.

Não pertence a esta ou àquela ideia, a este ou aquele partido, mas ainda mesmo que pertencesse à ideia que os deportados têm defendido, se é que alguma ideia eles defendem, ainda isso não seria o bastante, para que uma Democracia mantivesse em mortíferas posições africanas, sujeitos a um regime que apavora homens sobre cujas culpas a justiça, essa justiça que se diz monárquica e afirma reaccionária, ainda se não pronunciou ou sequer ouviu.

Não basta que existam indícios ou apareçam suspeitas, pois que uns e outros por vezes nos conduzam às mais erradas conclusões.

No decorrer da formação do processo, diz-se, mostrou-se a culpabilidade de todos os desterrados, mas admitindo que isso é a expressão da verdade, ainda mesmo assim se justificaria o atentado feito à soberania da Deusa Temis da verdade, a Justiça. As deportações agora efectuadas com manifesto atropelo geral dos direitos de cidadania belamente consignados na carta de Alfândega da Revolução Francesa, não podem de maneira alguma ser aceites por aqueles que devotada e livremente combateram os desmandos e atropelos dos sinistros autores de 13 de Fevereiro, a não ser que, estes pela sua situação mandem rasgar as togas, fechar os tribunais e extinguir ou revogar os códigos, à margem dos quais gira a nossa liberdade. Só depois disso se justificaria a deportação dos que de qualquer maneira contribuíram para o mal estar da humanidade, os que falsificam o leite, adulteram o pão, estragam o peixe, nos tiram a saúde, roubam o bem estar e exterminam a vida. Sim! Deportem-se então todas as legiões, desde a branca à preta e da vermelha à dourada, pois todas elas são nocivas, são daninhas e criminosas; mas até lá, e acabado que seja o compasso de espera da justiça, que regressem os deportados e a justiça recta e imparcial que os julgue e condene. Proclame-se assim a fé na justiça, na ciência e no saber, mas sem violências que revoltam e perseguições que enojam.

PAULO EMILIO
Revolucionário Civil

AVENIDA
Amanhã sobe à scena neste teatro a joia literária do escritor Benavente A MALQUERIDA, em que Adelina Abranches, a grandiosa artista, interpreta a cruciante mãe.

Um protesto do Grémio Africano
contra a escravatura dos pretos

O Grémio Africano protestou contra a forma como os arrecadadores dos prazos de Quelimane, tratam os pretos, obrigando-os a trabalhos pesadíssimos, tanto homens como mulheres, desde as quatro horas da manhã até à noite, e contra a falta de assistência aos indígenas.

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadie», de Frederico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

TIVOLI
TEL. N. 574
AS 8 3/4
As minas de cobre em África
AS ESPOSAS DOS RICOS
Cine-drama em sete partes
OS EMIGRADOS
Produção da Svenska Film em 6 partes
O pintor Fosquinhas
Cine-lança em duas partes
Amanhã — MATINÉE às 3 horas
A PEDIDO — Sábado e domingo à noite
A ESTRELA DE ISRAEL

'A Batalha' na provincia e arredores

Cascais

Soterrados numa saibreira
CASCAIS, 28. — Realizou-se o funeral dos dois pobres trabalhadores José da Luz e Francisco Jorge que no lugar de Alegria ficaram soterrados numa saibreira.

Foi notado o facto da Associação da Construção Civil não ter colocado a bandeira a meia haste no dia do funeral.

Em vésperas de eleições...
Como se avizinham as eleições, os monárquicos, que são os senhores da Câmara, preparam-se já para lá continuarem, começando a engodar o povo com os pequenos melhoramentos próprios dos caciques eleiçoeiros.

O povo, porém, é que se não esquece que tendo a Câmara o negócio das carnes na mão por monopólio, a vende pelo preço que quer, expoliando-o e que nada tem feito em benefício dos consumidores, aproveitando-se até dos 30 % que o Estado lhe concede na taxa complementar. — C.

AGREMIações VARIAS

União Futebol de Lisboa. — Reúne amanhã, a assembleia geral, na travessa do Conde da Ribeira, 68, a fim de eleger os corpos gerentes.

Associação do Registo Civil. — Reuniu na terça-feira última a direcção desta colectividade. Depois da resolução de vários assuntos internos, em ordem da noite tomaram-se várias resoluções sobre detalhes da manifestação a Sara de Matos e resolveu-se chamar a atenção da Câmara Municipal de Lisboa para a falta da placa denominativa da rua de Sara de Matos, que, por constantes reclamações recebidas, ocasiona inúmeros transtornos aos seus moradores, assim como representa um acto de fraqueza perante a audácia dos agentes da Companhia de Jesus.

Caixa Económica Operária. — Para discutir e aprovar a reforma dos estatutos, em última redacção, conforme as exigências legais, reúne-se hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral extraordinária, esta Cooperativa.

Parque de recreio

Foi concedida licença à Sociedade Avenida Parque, para a exploração de um parque de recreio e diversões na travessa das Vacas.

As perseguições

O protesto dos operários de Pernes
PERNES, 28. — Realizou-se anteontem uma sessão com numerosa assistência, em que, entre outras resoluções, votou protestos contra as deportações sem julgamento, barbaridades da policia e manobras imperia listas para o desencadeamento de uma nova carnificina. — E.

Uma prisão
Foi ontem de tarde preso, no Campo dos Mártires da Pátria, o operário José Filipe, que há cerca dum mês se evadiu do hospital de Santa Marta, onde se encontrava sob prisão.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Sociedade Cooperativa de Consumo
1 de Abril de 1917. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral a fim de apreciar o pedido de demissão de 4 membros da direcção.

Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Granel. — Este organismo, há pouco constituído para auxiliar os seus componentes na doença e suas famílias por morte deles, promove no dia 2 do mês próximo uma excursão fluvial à Azambuja, a bordo do vapor «Rio Sado», durante a qual se realizará uma visita ao palácio das Obras, um baile a jazz-band e descantes populares, sendo a partida às 8 horas, do cais das Colunas, onde se regressará pelas 18 horas.

A revolta na China

A situação em Macau é normal
O governador de Macau informa que a situação da provincia continua normal e vão melhorando as situações de Xangai e de Hong-Kong.

INSTRUÇÃO

Professores agregados dos liceus
Deve ser feita por estes dias a colocação dos professores agregados dos liceus, procedendo-se pouco depois à nomeação dos professores provisórios, de forma que no dia 6 de Outubro todos os liceus possam começar a funcionar normalmente.

Todo o operário tem o dever de possuir este livro
A EDUCAÇÃO MORAL DA CRIANÇA NA FAMÍLIA
Por Benoit Bouché — Tradução de Emílio Costa. — Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. — Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e pais devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. — Preço \$600. pelo cor. \$850. — Não nas livrarias. — Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29 — Lisboa

Teatro Nacional
HOJE
Telefone Norte 3049
ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS
COM A HILARIANTE PEÇA
TIO DA MINH'ALMA
QUINTA-FEIRA, 30
repõe o drama
OS DOIS GAROTOS

Queixas e reclamações

Pelos postos de socorros

Relata-nos Artur Carlos Ferreira que, tendo um seu filho, de 7 anos, chamado Artur do Rosário Ferreira, entalado um dedo, há cerca duma semana, o levou a tratamento ao posto de socorros da Cruz Vermelha, no Calvário.

Ali o enfermeiro Pedrosa, que parecia não estar em estado de absoluta lucidez, não tratou o garoto convenientemente, resultando agravar-se-lhe o ferimento.

Ontem, o mesmo enfermeiro recusou-se a fazer o curativo, alegando não poder ser feito no posto.

Trouxe Artur Ferreira seu filho a tratar-se ao posto da mesma sociedade, no Terreiro do Paço, onde o enfermeiro que ali se encontrava pelas 16 horas, o tratou com toda a atenção.

Admiramos que em postos pertencentes à mesma entidade a forma de tratar os doentes seja tão diverso.

Desafio

Queixa-se-nos Estefânia da Assunção Duarte, de que uma sua vizinha, na rua da Cruz dos Poais, lhe manda partir os vidros por gaiatos, tendo ontem encontrado porcairias várias dentro de casa e suspeitando que isso fosse obra da mesma vizinha.

Superior ao desafio da Joaquina da Conceição, a tal vizinha, é o das autoridades que nenhuma importância ligam à queixosa.

No mereado da Ribeira

Por ordem do vereador dos mercados foram encerradas umas pequenas barracas, na parte interior do velho mercado.

No entanto a ordem não atingiu a todos, e os vendedores que têm as suas barracas encerradas estão em precárias circunstâncias.

Até menos que todos funcionem enquanto o mercado velho durar.

Universidade Popular Portuguesa

Hoje, pelas 21 horas, realiza-se na Universidade Popular Portuguesa, rua Parial à rua Almeida e Sousa, a última sessão cinematográfica semanal do ano educativo que finda em 31 do corrente mês.

Contra a atitude da vereação

O operariado municipal abandona hoje o trabalho
Conforme vimos anunciando, o operariado municipal apresentou à Câmara Municipal uma reclamação sobre aumento de salários. A vereação, apesar de várias promessas, até à data só atendeu em parte as referidas reclamações. Por esse motivo a classe reunida há dias resolveu fazer uma paralisação de 24 horas em sinal de protesto contra o desprazo da vereação.

De harmonia com essa resolução o comité respectivo destinou o dia de hoje para essa paralisação. Nesse sentido distribuiu uma proclamação à classe a fim desta hoje não retomar o trabalho.

A's 14 horas, a convite do mesmo comité, reúne a classe na travessa da Água de Flor, 16, 1.º, para apreciar o assunto.

Suplemento semanal ilustrado de 'A Batalha'

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Almondo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinal, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$000.

Capas e índice em separado, 15\$000.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Coliseu dos Recreios

Três emocionantes combates de luta — Kawamura e Van der Berg em «ju-jutsu» — Um prémio de cinco contos

São entusiásticos e emotivos os combates de luta que esta noite se realizam no Coliseu dos Recreios e que aquela casa de espectáculos deve chamar farta concorrência. Hoje lutam, em «ju-jutsu», o célebre campeão do mundo KAWAMURA, japonês, e o holandês VAN DER BERG. O colosso japonês desafia quem quer que seja para lutar com ele, dando um prémio de cinco mil escudos a quem o vencer. Em luta greco-romana batem-se: o campeão português MANUEL GONÇALVES com o irritante e violento belga Raoul SAINT MARS e o alemão GRÜNEWALD com o espanhol RATO.

Como se vê, são três magníficos combates a que não faltarão, por certo, os amadores do belo sport. Exibir-se-á também um surpreendente programa de variedades das melhores que se têm apresentado em Lisboa.

O teatro e a política

Um ministro que se abespinha com os gracejos duma revista

Da empresa exploradora do teatro da Trindade recebemos a seguinte nota: «Tendo esta Empresa recebido uma intimação relativa a supostas referências vexatórias existentes na Revista «Ditosa Patria» a dois políticos em evidência, e não existindo de facto tal vexame; sendo portanto a referida intimação atentória dos n.ºs 1, 13 e 38 do Art.º 3.º da Constituição Política da República Portuguesa, resolve a mesma Empresa não acatar a dita intimação suspendendo o espectáculo como legítimo protesto contra o que julga um abuso da Lei, deliberando em que é acompanhada solidariamente pelos autores da peça, deixando a responsabilidade do estranho facto a quem deva e possa assumi-la».

Recebemos também um officio dum dos autores da referida revista da qual recortamos o período que segue: «Ao passo que se julgam vexatórios meus gracejos, correntes neste género de peças, não só entre nós como em todos os países onde a liberdade é um facto, e dirigidos a dois políticos, aliás meus amigos pessoais, nenhuma referência se faz a gracejos do mesmo tom que visam políticos adversos à actual situação demissionária».

A intimação foi ordenada pelo ministro do Interior, demissionário, sr. Germano Martins.

E' espantoso. Um ministro, sensibilizado pela crítica feita a um amigo, ordenar a sua supressão numa peça.

Destina nem o burro do sr. alcaide se lembraria...

Desvio de batata

Tem-se feito sentir no mercado a falta de batata sendo não muito baixo o preço da pouca existente. Pois, na estação de Santa Apolónia, onde existe um cais de retém deste tubérculo só apareceram nos últimos dois meses uns 4 ou 5 vagões dele, que, escusado seria dizer-lhe, logo foram retirados. Surgiu porém, agora, um carregamento de 15 vagões que ante a estranheza de algumas pessoas estão sendo despejadas para caixotes em que a batata, muito bem acondicionada, irá para o estrangeiro.

Apenas dois comentários: Qualquer dia alegando a escassez, teremos batata a que preço? Para que serve, afinal, isso que se chama Comissariado dos Abastecimentos?...

Sanidade Interna

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 18 do corrente manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de meningite e 5 de varíola.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.
A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço \$350.
Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.
A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço \$600.
A vida em todas as línguas e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Passeio de confraternização

Realiza-se no dia 23 de Agosto o passeio de confraternização à Senhora da Rocha, promovido pela comissão escolar do S. U. da Construção Civil de Lisboa. Além doutros atractivos, a comissão organizadora conta já com a colaboração da Filarmónica Verdi que obsequiosamente se presta a acompanhar os excursionistas.

TENTATIVA DE SUICÍDIO

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, deu entrada, em estado grave, António Dionísio de Carvalho, de 53 anos, fogueiro, natural de Unhais da Serra e residente na travessa de D. João de Castro, 42, que, na residência, tentou suicidar-se.

Os rendimentos dos operários

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha, ao Calvário, recolheu à Sala de Observações do Hospital de São José, Alfredo da Silva, de 25 anos, padeiro, natural de Lisboa, residente na rua Maria Pia, 361, cave de 1.º, que, na fábrica da Companhia Nacional de Alimentação, em Santo Amaro, foi colhido pelo elevador, ficando com o pé direito esmagado.

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800
HOJE
A espirotoosa e deslumbrantíssima fantasia
A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE
COM
3 números novos 3
Criada moderna
A crónica do fado
As glosas do Pielas
A varina nova rica. — A Legião cor de rosa. — O boateiro. — A canção árabe. — As romarias de Portugal. — Os polícias do jazz-band. — Os estetas. — Os soldadinhos de pau. — As marinheiras de água doce. — O cigano. — Os fados licorosos. — A dança da tanga. — As pedras preciosas.
AMANHÃ: — Recita de homenagem a Henrique Santana
Atracções e surpresas

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Salão Foz

Números de variedades

Não acompanhamos, como desejariamos, os números que se vão escrendo no Teatro Salão Foz, por onde ultimamente têm passado, se não dizemos celebridades, com certeza podemos classificar de óptimos elementos, alguns dos quais considerados mais tarde figuras de relevo que se fazem então pagar já a peso de «pessetas».

A empresa da geitoso «boite» da Calçada da Glória, traz neste louvável empenho de servir o público, o bom incentivo de contratar artistas portugueses.

A um desses espectáculos, quasi exclusivamente ibéricos, assistimos agora. Artur de Almeida, Eduardo de Matos (brasileiro) e Mari Laura e os estrangeiros Liana Gracian, Carmen Arenas, Maya Algar e Bery Frey.

De todos estes artistas agradou-me incondicionalmente a bailarina Gracian, «me-xida», desengonçada, alegre e viva.

E' um tipo curioso pelos seus bailes e até pela sua linha esguia mas harmoniosa. Anuncia-se para breve a estreia do conhecido actor Alexandre de Azevedo, com cuja apresentação muito terão a lucrar as canções portuguesas populares, que nele têm um dos melhores intérpretes.

NOGUEIRA DE BRITO

Noticias

Dá hoje, no Nacional, a sua última representação a engraçadíssima comédia «Tro da minh'alma», peça com graça as pilas, e com um animadíssimo entrecio, e que tem ainda, a fazer-lhe ressaltar as brilhantes qualidades, um primoroso desempenho.

Com enorme concorrência estreou-se ontem em Setúbal a Companhia Lucília Simões-Erico Braga, que ainda ali dará espectáculos esta noite, amanhã e sexta-feira.

Devem ficar hoje concluídos, no Nacional, os trabalhos de montagem da aparatosa peça «Os dois garotos», cuja reprise, aguardada com o maior interesse, continua a estar marcada para amanhã. A peça apresenta agora, na sua distribuição varias novidades interessantes, em varios papeis de destaque, e exceptuando o do «Fanião», que continua a estar confiado à talentosa atriz Ilda Stichini. Assim, teremos ocasião de admirar o illustre actor José Ricardo, no complicado papel de «O Lema», que criou há 28 anos, no Porto; de assistir à estreia da gentil e novel actriz Irene Isidro, aluna laureada do Conservatório.

A encenação de «Os dois garotos» é de José Ricardo, o que constitui antecipada garantia da sua meticolosidade. Para esta reprise que tem foros duma autentica premiere já estão muitos lugares tomados.

O programa da recita de amanhã no Eden-Teatro, em homenagem ao director de scena e ensaiador Henrique Santana, é magnifico, nele tomaram parte cedidos pelas suas empresas os artistas Justina de Magalhães, Santos Carvalho, Aurélio Ribeiro, José Santos e os graciosos bailarinos Charles e Stichini. O espectáculo consta do seguinte: a representação da revista «A cidade de onde a gente se aborrece», o «Estancioneiro», por Justina de Magalhães, «A canção nacional», por Santos Carvalho, José dos Santos, «A Gaiola», por Aurélio Ribeiro, «Baile da morte», por Charles e Stichini, «Uma Idile Chourose», pelos bailarinos Gignette e Adelphi.

Reclames

Mais uma noite de prazer espiritual oferece hoje o Eden-Teatro ao publico de Lisboa, cada vez mais encantado com o deslumbramento, a riqueza, a graça, a alegria e a leveza da linda fantasia «A cidade onde a gente se aborrece», em dois actos, recheados de brilhantismo.

Actualmente se dá para dia o sopro da artista Ventura que esta a exhibir no Coliseu dos Recreios as suas admiráveis e surpreendentes fantasias luminosas no «reino das flores» e que são um trabalho digno de ver-se não só pela sua finura como ainda pela sua beleza. Do programa fazem também parte as simpáticas Irmãs Martins com os seus belos exercícios coreográficos e as formosas Sibaritas que executam maravilhosos números de dança e canto. Hoje lutam em «ju-jutsu» o campeão do mundo japonês Kawamura com o holandês Van der Berg, desafiando aquele quem quer que seja para lutar com ele e dando um prémio de cinco contos a quem o vencer. Em luta greco-romana lutam o campeão português Manuel Gonçalves com o agressivo belga Raoul Saint-Mars e o alemão Grunewald contra o espanhol Rato.

A 22\$00 Desportos alemães A 30\$00 Relógios de aliberto

AS MELHORES MARCAS DE RELOGIOS

Ourivesaria e Relojaria Manuel Rodrigues Junior

Rua dos Tanques, 366

(Esquina da Rua Silva e Albuquerque)

Assistência infantil

Lactários municipais

Devem hoje ser visitados por alguns membros da actual vereação, acompanhados de representantes da imprensa, os lactários instituídos pela Câmara Municipal de Lisboa, para fornecimento de leite puro às crianças cujas mães, pobres, não as possam amamentar.

A visita começará pelo Lactário n.º 1, sito no edificio da Voz do Operário, pelas 9 horas da manhã, seguindo depois para o Lactário n.º 2, na travessa dos Fleis de Deus, 99, esquina da rua Luz Soriano e terminando no Lactário n.º 3, localizada na antiga escola Froebel, no Jardim da Estrela.

TEATRO AVENIDA
Telefone Norte 4356
ÚLTIMO ESPECTÁCULO
DO
LODO
AMANHÃ
1.ª recita da curiosa obra de Benavente
A MALQUERIDA

A BATALHA

UNIVERSIDADE POPULAR

Ainda a sessão de arte religiosa

Palavras com que a Universidade precedeu a conferência do sr. António Arroio

A fim de esclarecer o caso do serão de arte religiosa da Universidade Popular Portuguesa publicamos hoje textualmente o discurso do sr. director daquela instituição, nosso amigo José Carlos de Sousa proferiu nessa noite, precedendo a conferência do sr. António Arroio.

«Como membro do Conselho Administrativo da Universidade Popular Portuguesa, venho cumprir um dever e enobrecer-me com a subida honra de abrir esta sessão que certamente marcará, nos fastos da nossa Universidade, um lugar de destaque pelo elevado espírito de isenção e imparcialidade que a distinguirá; pelos intuitos pedagógicos que nortearam as notabilidades do mundo da arte, das letras, da ciência, que hoje nos encantarão com o seu verbo riquíssimo de ensinamentos e prestígio; pelo prazer espiritual, enfim, que é de esperar dum conjunto de pessoas e de coisas sabiamente organizado, para este serão de arte, pela alta capacidade intelectual e artística que o ex.º sr. António Arroio.

Se não fosse um dever, que a minha posição especial dentro desta Universidade me impõe, eu nunca me abalancaria a vir aqui falar, nem antes nem depois de ter ouvido a palavra eloquente, burilada e sempre espiritualizada de sua excelência...

Pois que as coisas são o que são, eu, só porque dum dever se trata, farei, como costuma dizer-se, das fraquezas forças e vou tentar desempenhar-me da minha missão conforme souber e puder, pedindo me desculpeis o ir rotundamente alguns momentos que, com toda a razão, vos estimariam muito mais fossem utilizados, para maior encanto de vossos ouvidos e superior enlevo do vosso espírito, com a audição proveitosa da palavra mágica de sua excelência o sr. António Arroio e das belas concepções musicais devidas ao génio inspirado, sóbrio e de profundo sentimento que é Chopin; a essa incomparável virtuosidade, a esse maestro poderoso que, no mundo da grande arte se chamam Liszt e a outros músicos ilustres, todos inteligentemente, primorosamente interpretados—é para mim ponto de fé—pelas pessoas que a este serão prestam a sua colaboração de subidos quilates.

Perdoai-me, eu vo-lo peço e assim permiti-me que, por mais alguns instantes, eu vos prive do suspirado prazer...

Maior êxtasi vos arrebatará depois...

Ex.ºs senhores:
Ex.ºs senhoras:

A missão da Universidade Popular Portuguesa é educar as massas do povo; não só esclarecendo-as, instruindo-as em todos os conhecimentos que a ciência tem adquirido nas suas investigações de séculos, mas — e principalmente — educá-las no sentido de formar, nelas, uma consciência nítida do que deve ser o ente humano, fazendo-lhes compreender que o objectivo da vida, o alvo para o qual todos devemos olhar, não se consubstancia em satisfazer as necessidades fisiológicas: visto como, neste caso, não nos diferenciariamos dos animais ditos inferiores.

Satisfazer a fome, quando ela nos tortura as entranhas; restaurar as forças exgotadas por um trabalho mais ou menos exaustivo; reparar as perdas do nosso organismo derivadas, não apenas, dum esforço conscientemente executado, mas ainda dum labor inconsciente da economia animal; viver, numa palavra, a vida vegetativa; recrear os olhos com as maravilhas duma tela magistralmente pintada, com uma criação genial da arquitectura ou deliciar os ouvidos com os inspirados acordes duma composição musical, duma missa de Mozart, duma ópera de Wagner, dum *Stabat Mater* de Rossini — tudo isto não é ainda humanamente viver!

Para que a vida do homem seja verdadeiramente humana, é indispensável que se crie, em cada indivíduo, a consciência dos seus deveres sociais; que se forme, em seu espírito, a noção de que ele é uma molécula do grande todo social chamado humanidade; de que, assim como é indispensável, sob o ponto de vista da física, que a coesão existe entre as moléculas para que elas formem o corpo e este se conserve íntegro, assim também é necessário que entre os indivíduos do agregado humano, que são as moléculas do todo social, se manifeste e perdure essa outra coesão que, em sociologia, tem o nome de «solidariedade»; de contrário, o agregado social desfaz-se há.

É preciso que se estabeleça, em cada indivíduo, a convicção de que a sua própria felicidade depende da felicidade de todos os seus semelhantes; de que, sem esta, aquela não pode ser completa; de que, enquanto houver no mundo um ser humano desgraçado, com fome de pão do corpo e do espírito, sem conforto na alma nem agasalho em seus enregelados membros, não há direito de gozar porque nesse infortúnio, todos temos uma cota-parte de responsabilidade. É primordial obrigação de todos nós, sermos éticos à grei por qualquer forma.

A vida social é uma reciprocidade constante; e tão iniludível que, desde que ela falhe, a desgraça aflixe logo o homem consciente e justo.

Ora a educação, formando a personalidade do ser humano, tem este elevado objectivo.

A Universidade Popular Portuguesa fundou-se com o propósito de educar.

E educar é isto que acabei de, muito sumariamente, expor.

Os serões de arte que ela promove não são um pretexto para materialmente gosar, como pode gosar o gastrónomo que se repleta de bons bocados...

Seria mesquinha uma tal pretensão! Nós queremos, é nossa aspiração mais acuciada, que, juntamente com o enlevo do espírito, com o prazer da matéria, (passem os velhos chavões da metafísica) vá alguma coisa que obribe a reflectir.

O serão de arte social, o serão de arte patriótica e este serão de arte religiosa não foram pensados com o intuito de fazerem propaganda partidária, patriótica ou religiosa.

Isso seria falsear o nosso plano educativo.

Se os dois primeiros serões não correspondam porventura, ou de hoje não correspondam — esperamos bem o contrário

—o objectivo que a Universidade Popular Portuguesa tem em vista, isso não deve atribuir-se a aquelas pessoas que, por gentileza muito para cativar, puzeram cavalheiosamente, ao serviço da nossa ideia, o mais fino e apurado dos seus belos dotes artísticos, científicos ou literários; a essas superiores inteligências que, deliberadamente, com a máxima espontaneidade, abraçaram o nosso propósito e lhe deram a franca e valiosíssima colaboração dos seus peregrinos talentos.

A Universidade só tem, sob este ponto de vista, que, comovidamente, lhes endereçar o seu mais caloroso aplauso com a sua mais profunda gratidão.

Se nas intenções que nos animam houve, quanto aos serões passados, ou houver quanto ao de hoje, qualquer desvio involuntário da linha de conduta que traçamos, isso deveu-se ao dever-se há apenas à falta de treino bastante em assuntos desta ordem por parte da Universidade Popular Portuguesa; a qual, por ter começado a dar os seus primeiros passos nesta tentativa de processo educativo, muito naturalmente tem tido hesitações próprias de quem pisa um terreno que não conhece ainda bem.

A prática destes trabalhos, a nosso ver, de grande importância, nos esclarecerá melhor e nos habilitará a um melhor sucesso em futuros empreendimentos deste género.

Em face dum programa como o deste serão, é possível que alguém porventura se sobressalte, sobre o espírito das intenções da Universidade Popular Portuguesa.

Sosseguem esses que possivelmente se preocupam com estravios que essencialmente não existem.

Muitas vezes certas instituições dão a impressão de que se desviam dos seus objectivos; mas esse desvio é apenas aparente, porque no fim de tudo mantêm íntegra a sua directriz.

Todos nós temos noção de que se dá algumas vezes o caso de pessoas, bem intencionadas de resto, quando colaboram sinceramente em qualquer obra, manifestam a sua individualidade, apresentando ideias meramente pessoais que brigam ou podem brigar com a orientação da mesma obra; mas isso não terá as consequências que seriam para reacer quando essa orientação é nítida e firme; principalmente quando esta precede de instituições de estrutura da Universidade Popular Portuguesa cujos corpos gerentes são compostos de homens de espírito progressivo, entre os quais, alguns, em quantidade apreciável, são ideólogos da mais avançada expressão sob o ponto de vista sociológico.

O estudo do fenómeno religioso, à luz da filosofia sa, não pode ser considerado como estando fora da sociologia; e, assim, o filósofo encara-o como qualquer outro fenómeno sociológico.

E na sua investigação serena, não se perturba com o que, à roda dos termos Deus, Divindade, Génios, Satanaz, Demónios, etc., etc., a fantasia ingénua dos povos tem criado. Considera-os como símbolos mais ou menos bem inspirados e representativos de toda a fenomenologia.

Mas, agora reparo, eu estou enveredando por um campo que não me compete. Sua excelência o sr. António Arroio vai desenvolver, creio bem, muito sabiamente e muito profundamente este assunto tão interessante.

Ponho ponto final à crueldade de vos ter privado até agora do prazer espiritual que viestes aqui procurar pretendendo ouvir palavras superiormente belas e finamente conceituadas como as sabe dizer sua excelência.

Pego, pois, a v. ex.ª se dignem desculpar-me.

E a v. ex.ª, sr. António Arroio, endereço, mais especialmente, igual pedido quanto à minha intrusão numa esfera de actividade dentro da qual, por direito do saber e nobreza de inteligência, só a v. ex.ª pertence agir, honrando-nos a todos nós e dignificando este lugar.

Permito-me ainda, no cumprimento do meu dever e em nome da Universidade Popular Portuguesa, antecipadamente agradecer a v. ex.ª e a todos quantos colaboram com o seu dedicado esforço para maior beleza deste serão.

Digne-se v. ex.ª ocupar o seu verdadeiro lugar nesta tribuna.

Horário de Trabalho

Pela Sociedade Nacional de Tipografia L.ª

A empresa exploradora de *O Século*, pertença da União dos Interesses Económicos, tendo em alto apreço os justos direitos do seu pessoal concede-lhe o horário de oito horas.

Há, porém, uma categoria, que não merece a consideração desses correctos cidadãos.

E é dos serventes, de dia, de *O Século*. Esta categoria de trabalhadores, que trabalha, «normalmente», dez horas por dia, ganha por cada hora além dessas 20.ªs sobre o salário normal.

Isto é, aqueles que são considerados abaixo do restante pessoal, não se lhes reconhecendo os mesmos direitos que aos outros, pois lhes estabelecem um horário de trabalho ilegal, ilegalmente retribuído, deixando-os ainda no pagamento do trabalho que entendem considerar suplementar.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

INTERESSES DE CLASSE

Rurais de Sêda

A exploração do patronato deve opôr-se à organização dos trabalhadores

SÊDA, 26.—E' intolerável a forma porque os lavradores tratam os rurais nesta freguesia.

Os trabalhadores filiados no seu sindicato são o mais possível boicotados. Ainda hoje o sr. Joaquim T. Carvalho, da herdade de Vale de Barqueiros, necessitando pessoal para trabalharem com uma máquina, encarregou um empregado de o arranjar, com a recomendação de não admitir trabalhadores sindicados.

O empregado é que não esteve para colaborar nessa injustificada represália e respondeu-lhe que não faria tal, pois desde que os trabalhadores cumprissem o seu dever e não prejudicassem ninguém, pouco se lhe dava saber se eram associados ou não.

Também o patronato não descarta o seu enriquecimento contra os interesses dos que lho promovem, pois lhes pagam o infimo salário de \$800 pelo trabalho extenuante de 14 horas diárias.

Não devem os rurais dispôr-se a tolerar de bom grado tal forma de proceder dos seus exploradores.

Tudo o que trabalha tem direito a ser remunerado por forma a poder satisfazer todas as suas necessidades.

Tudo o que trabalha tem o direito, exactamente como os que do seu trabalho vivem, a associar-se para a defesa dos seus interesses.

O horário máximo de oito horas de trabalho por dia é um direito inegável dos que vivem do seu trabalho.

Todos estes direitos não serão respeitados pelos patrões se os trabalhadores se lhes não tiverem consciência e força para os imporem.

E' pois necessário que os rurais dêem ao seu sindicato a vitalidade requerida para que os lavradores aprendam a respeitar os que os servem.—E

A questão dos foros

Os foreiros, transformados em pequenos burgueses, não devem confundir-se com os trabalhadores rurais

Camarda Director.—Permita-me você—já que até hoje ninguém registou este facto—que eu em *A Batalha* diga algo sobre a momentosa questão dos foros e a importância que alguém pretende dar-lhe.

Primeiro que tudo devo dizer que não sou militante operário mas tão somente um operário a quem o tempo ensinou a descrever da acção que não partisse dos indivíduos propriamente interessados em tudo que lhes dissesse respeito.

Feita esta declaração para não ser apoiado de lundino, principiarei.

Tenho observado com mágoa que alguém tem levantado, sobre a questão dos foros, um ambiente hostil em volta da federação rural, quando não assiste razão alguma de ordem moral para tal, a não ser o da respectiva federação se manter fiel aos princípios que preconizou nos seus congressos.

Se a mais leve observação não nos ficasse a impressão clara de que todo este afan do sindicato dos rurais de Coruche obedece a um plano de desmantelamento da respectiva federação ou dos seus mais acérrimos paladinos, como a atestá-lo estão as declarações já anteriormente feitas em *A Batalha*—eu não me atreveria a traçar estas linhas.

E, para apresentar os porquês das minhas palavras devo dizer o que eu tive ocasião de observar durante alguns anos no Sindicato dos Rurais de Vendas Novas.

Foi este sindicato um dos que marcou dentro da organização rural, que pela sua força numérica, que pela moral atestada nos movimentos que levou à prática. Pois bem, parte dos indivíduos mais activos dentro do sindicato fizeram-se foreiros e aí temos os nossos homens transformarem-se, quasi todos, nos mais encarniçados inimigos do sindicato.

Dai resultou o desmantelamento da organização rural daquela localidade, prostando-a num marasmo deveras pernicioso devido à obra de difamação lançada pelos ex-trabalhadores rurais, hoje senhores foreiros. Isto é um facto inegável.

Ora, os simples trabalhadores continuam eternamente miseráveis, enquanto os senhores foreiros possuem contos de reis e são genuinamente exploradores do povo.

Assim, tornava-se impossível ficarem foreiros e simples trabalhadores debaixo do mesmo tecto. Havia de ter graça um rural sindicalizado em greve com outro rural—mas senhor foreiro—e também sindicalizado.

Agora dá-se o caso interessante—se ainda persiste—Os foreiros de V. Novas resolveram associarem-se no sindicato rural para tratar simplesmente da sua bolsa—que lhe estava a arder!

Adeus luta de classes que caracteriza a organização rural!

Portanto, a meu ver, a questão dos foros interessa a uma pequena parte de rurais, pertencentes à classe média, ficando posta de parte a grande massa rural que sofre a exploração tanto destes pequenos como das grandes lavradarias. Mesmo assim, o C. J. da C. G. T. não descuro o assunto.

Agora, as pessoas de bom senso que avaliem a importância dessa grande ceulema que determinados indivíduos tem levantado sobre o assunto e ainda os ataques que tem sofrido a federação rural.

Como os tempos mudam...

Barreiro, 27-7-1925.

Adriano PIMENTA

(Operário sindicalizado corticeiro)

Reunião de militantes

Reúnem hoje, pelas 21 horas, os militantes Sindicatos revolucionários, que defendem a directriz demarcada no Congresso da Covilhã.

A reunião é no local onde se realizou a última.

Homenagem póstuma

E' hoje que se realiza, promovida pelo S. U. Metalúrgico, na sua sede, a sessão de homenagem ao falecido militante desse organismo Joaquim Silva.

O Sindicato Unico Metalúrgico pede aos sindicatos que receberam convite que se façam representar, devendo considerar-se, por este meio, convidados também os que por laço o não foram directamente

AS GREVES

A dos soldadores de Olhão continua sem desfalecimento

Um manifesto do Sindicato

OLHÃO, 26.—O movimento grevista dos soldadores contra a baixa de salários prossegue inefectivo. Os industriais mantêm-se na mesma atitude, pretendendo reduzir os salários.

O Sindicato dos Soldadores a fim de elucidar o público resolveu editar um manifesto, do qual são os períodos que vão ler-se:

«Está latente um conflito entre a Classe dos Soldadores e os Industriais de Conservas, por estes pretendem reduzir os salários. Não podia a nossa classe aceitar esta redução sem atender nos múltiplos aspectos que envolve esta pretensão. Os industriais de conservas depois de provocarem a miséria e a fome nos nossos lares, há aproximadamente oito meses, encerrando as suas fábricas, privando-nos do sustento, impedindo que angariássemos com o produto do nosso trabalho, uma cêdola de pão com que mitigássemos a fome e a de nossos filhos, pedaços da nossa alma, querem —oh! fantástica alucinação—acabarem de sepulturar-nos.

Quais as razões que estes senhores alegam para um fim desta ordem? Por terem os géneros sofrido uma pequena baixa. Mas quando é que os nossos salários, julgaram a desmedida subida de todos os artigos essenciais à vida? Será com a baixa de salários que os senhores industriais abrem todas as oficinas encerradas há 8 meses, para sustentarem todo o pessoal? E é no momento em que a conserva tem uma subida considerável no mercado estrangeiro, que os fabricantes nos querem reduzir o salário?

Desde meados do corrente mês que a conserva tem tido uma maior procura com elevados preços. A folha, estanho e chumbo, devido à baixa do câmbio, são adquiridos por menor preço. O peixe, em virtude da maioria das fábricas estarem encerradas, é comprado por uma luta e meia, como se diz em bom calão.

E é com todas estas vantagens que os senhores industriais nos pretendem reduzir os salários?

E' em Olhão onde a nossa classe menos salaria se encontra. Contando os industriais do resto do país que pagam maiores salários que os nossos, ainda não impuzeram uma descida aos seus operários.

Serão fabulosos os nossos salários para que nos imponham uma baixa? A nossa opulência bem o indica: só vestimos bonitos, temos quem nos sirva as refeições, e findas estas aguardamos o nosso automóvel... Pobres industriais! Fazes cadáveres, corpos alquebrados, olhos fundos da miséria sofrida e seus trajas andrajosos me tem compaixão! Sim, os senhores bem precisam dos \$60 por cada cento de latas de 14 pequeno; \$67 1/4 americano; \$78 1/2 alto; \$133 4/4; isto trabalho manual.

14 pequeno, \$66; 14 americano, \$73; 1/2 alto, \$103; 4/4 1993; isto trabalho feito para a máquina, reduzindo igualmente na diária de 8 horas, \$360.

O referido manifesto tem sido profusamente distribuído pela vila. A população trabalhadora mostra-se indignada contra as pretensões dos industriais que, quando auriem fartos proventos nunca se lembraram de os repartir pelos soldadores.—E

Condutores de Carroças

Sobre uma local publicada no *Século* de ontem, a propósito da atitude dos grevistas da área de Alcântara, a comissão administrativa vem declarar o seguinte: Não é verdade que os operários das casas Manuel dos Santos Vilar, João Francisco, Alfredo Rosário Faria e José Martins & C.ª tenham retomado o trabalho, visto que a plataforma apresentada pelos referidos patrões obrigava a trabalhar de 12 a 14 horas por dia. Não há, pois, qualquer espécie de acordo entre as duas partes, e os operários não retomaram o trabalho sem que lhes garantam as 8 horas de trabalho.

Estes patrões são dos que melhor podem atender a sua resistência só pode justificar-se pelo prazer macabro de sacrificar operários.

As suas habilidades não conseguiram abalar a energia dos lutadores, pois nem com as tendenciosas notícias nos *grandes* jornais, ou por quaisquer outras formas semelhantes o conflito será solucionado.

Só pelo jornal *A Batalha* os operários terão conhecimento certo do que se for passando, devendo não confiar, portanto, nos outros jornais.

Há, pois, que continuar lutando com alvite como até hoje, até que as nossas justíssimas reclamações sejam atendidas.—A Comissão Administrativa.

CONVOCAÇÕES

Federação Mobiliária.—A's 18,30, a comissão revisora das contas do 1.º semestre do corrente ano.

Comissão administrativa.—A's 21 horas, para dar posse aos secretários administrativo e adjunto, eleitos no conselho federal.

Manipuladores de pão.—A's 12 horas os desempregados, para um assunto de alta importância.

Compositores tipográficos.—Pelas 18 horas, para continuação da seguinte ordem de trabalhos:

1.º—Apreciar a atitude que os delegados dos quadros dos jornais tomaram na discussão da proposta aprovada na última assembleia geral, a qual era assinada por nove socios.

2.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

3.º—Apreciar um officio emanado da F. L. J. sobre o Congresso Gráfico e eleger 1 ou 3 delegados directos ao 2.º Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal (5.º Congresso Gráfico), que se realiza em Santarém nos dias 20, 21 e 22 de Setembro p. f.

4.º—Apreciar uma proposta que foi enviada à Direcção sobre a importância depositada na Caixa Geral dos Depósitos com a rubrica «Pró-movimento dos jornais», na qual se pretende que essa quantia reverta a favor da sede dos compositores Tipográficos.

5.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

6.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

7.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

8.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

9.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

10.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

11.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

12.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

13.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

14.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

15.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

16.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

17.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

18.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

19.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secretariado de propaganda
Reúne amanhã pelas 21 horas.

Comité Confederal
Reúne hoje, às 21 horas.

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil.—Secção profissional dos serventes.—Reúniu a comissão administrativa que tratou de vários assuntos de interesse para a classe. Verificou que as contas do 2.º trimestre de 1925 acusam uma receita de 1.459\$92 e a despesa de 467\$88, havendo um saldo de 990\$07 para o trimestre de 1925.

Em virtude das reclamações desta secção foi entregue ao conselho jurídico da C. G. T. o retrato do consócio desta secção José Manuel.

Profissionais de Imprensa.—Reúniu a assembleia geral aprovando o relatório dos trabalhos realizados pela direcção e as resoluções por a efectivar, entre ellas: a realização de um congresso de profissionais da imprensa, a elaboração de um projecto de lei de imprensa, a efectivação do tricentenário do primeiro jornal português, o estudo da legislação social applicavel aos jornalistas, as diligências a realizar junto das empresas teatraes para a concessão de facilidades aos jornalistas, do *bonus* nas linhas da C. P., para o que poderá agregar a si as comissões de associados que entenda que podem facilitar a sua acção.

Autorizou a direcção a entender-se com a direcção da Caixa de Previdência para estudarem a forma de levar a effecto, em Lisboa, o «Dia da Imprensa». Decidiu para essa data a realização de um desafio de futebol e de um espectáculo de cujas receitas caberão 75 % à Caixa de Previdência e 25 % ao cofre do sindicato, e que o tricentenário da publicação do primeiro jornal português se comemore também nessa data.

Aprovou-se uma moção, referente à actual lei de imprensa, pela qual se resolve: incumbir a Direcção de estudar quais os defeitos mais flagrantes da actual legislação e de junto do governo ou do Parlamento instar para a eliminação dos mesmos.

Aprovaram-se ainda um voto de loyôr à Direcção pelos trabalhos realizados em benefício dos profissionais da imprensa e a assistência a prestar ao sócio Eduardo Frías, que se encontra doente.

Corticeiros de Belém.—Reúnem os operários corticeiros desta área, para apreciarem uma circular da C. G. T., referente ao Congresso Confederal, sendo resolvido a direcção officiar à Associação dos Corticeiros de Lisboa para tratar a melhor forma da nomeação dos delegados.

Foi apreciado também uma circular da F. C. Nacional sobre o cumprimento integral do horário de trabalho, sendo nomeados como fiscaes do mesmo, os camaradas João Guedes e Manuel Guerreiro. Foi apreciado o caso do industrial João Alvarez pretender baixar os salários aos quadradores, os quais ainda trabalharam uma semana com uma baixa de 20 por cento resolvendo depois abandonar o trabalho e entregar o caso à direcção do Sindicato, que tomando em consideração a attitude destes camaradas apela para que todos os camaradas quadradores não vão para ali trabalhar enquanto este conflito não esteja resolvido. Por último foi nomeado fiscal técnico das cortiças o camarada Joaquim Raimundo.

A direcção apela para todos corticeiros desta área afim de no próximo sábado auxiliarem todos os camaradas que se encontram sem trabalho.

CONVOCAÇÕES

Federação Mobiliária.—A's 18,30, a comissão revisora das contas do 1.º semestre do corrente ano.

Comissão administrativa.—A's 21 horas, para dar posse aos secretários administrativo e adjunto, eleitos no conselho federal.

Manipuladores de pão.—A's 12 horas os desempregados, para um assunto de alta importância.

Compositores tipográficos.—Pelas 18 horas, para continuação da seguinte ordem de trabalhos:

1.º—Apreciar a atitude que os delegados dos quadros dos jornais tomaram na discussão da proposta aprovada na última assembleia geral, a qual era assinada por nove socios.

2.º—Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro p. f.